

Dia-a-dia

Cozinha fechada.

A cozinha do Hotel Canto do Sol, em Camburi, foi interditada por apresentar más condições de higiene e por ter produtos vencidos. **PÁG. 07**

Efeitos. Sociólogo indica que alunos e educadores se sentem desestimulados e amedrontados

70% das escolas em áreas de risco têm desempenho baixo

Das 49 escolas localizadas em áreas violentas, 36 tiveram mau desempenho em avaliação do MEC

**MAURÍLIO MENDONÇA
PRISCILLA THOMPSON
ANDRÉ VARGAS**

■ ■ Escola e violência: uma parceria negativa que faz toda a diferença quando o assunto é qualidade de ensino. Uma prova disso são as notas tiradas em avaliações nacionais pelas escolas da rede estadual com o maior número de ocorrências registradas nos últimos meses. Das 49 unidades, com ensino fundamental, 36 ficaram com notas abaixo da média do Estado. Um percentual acima dos 70%.

Para construir o comparativo foi usado o resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), do Ministério da Educação (MEC), que usa as notas das avaliações nacionais do ensino fundamental e médio, particular e público, para medir a qualidade do ensino. Neste ano, o Estado tirou 4,1 pontos de média para alunos da 4ª série e 3,6 entre os da 8ª série.

A GAZETA buscou nesse índice os resultados de 49 escolas da rede estadual que estão inseridas no **Plano Articulado de Segurança Escolar** e que tenham séries do ensino fundamental. As notas do ensino médio não foram



SUPERAÇÃO. Na Escola Zenóbia Leão, em Guarapari, as aulas de artes venceram o excesso de brigas

maioria ainda permaneceu abaixo. Lógico que a violência contribuiu para o rendimento mais baixo”, avalia o sociólogo Erly Vieira dos Anjos.

Para ele, o educador que atua numa escola inserida em uma comunidade fragilizada, com alto índice de violência, trabalha desanimado, assustado e com medo. “Para mudar uma realidade dessas, somente com ações dentro da escola e da comunidade”, frisa.

Mas dentro das 49 unidades também há bons exemplos. É o caso da escola estadual Zenóbia Leão, do bairro São Judas, em Guarapari, com notas acima da média estadual. A re-

tes. E teatro contra as drogas. “As famílias também são cobradas. Teve mãe que perdeu o Bolsa-Família por ter deixado o filho faltar”, conta a diretora Maria Aparecida Cunha.

■ ■ **Plano Articulado de Segurança Escolar inclui 65 escolas de áreas de risco e prevê a implantação de videomonitoramento, alarmes e catacras, além de melhoria na iluminação e nos muros.**

Ameaça é a ocorrência mais comum

■ ■ Nos primeiro oito meses deste ano o maior número de ocorrências registradas em escolas estaduais da Grande Vitória está relacionado a ameaças: pouco mais de 63%. Em seguida danos a patrimônio, com quase 16%. Ao todo, foram 47 registros até o final de agosto deste ano, número bem inferior se comparado ao mesmo período de 2003, com 142 casos, como informa a Secretaria de Estado de Educação (Sedu). Em cinco anos foi contabilizado uma redução de 60% no

Escolas em áreas de risco e suas notas no Ideb

ESCOLA	ATÉ 4ª SÉRIE	ATÉ 8ª SÉRIE
TIRADENTES	3,9	—
PRESIDENTE CASTELO BRANCO	4,0	3,2
MARIANO FIRME DE SOUZA	4,1	3,1
MARACANÃ	—	3,6
DR. JOSÉ MOYSÉS	—	3,4
PROF. JOSÉ LEÃO NUNES	—	3,7
ALZIRA RAMOS	—	3,1
SÃO JOÃO BATISTA	—	2,5
HUNNEY EVEREST PIOREZAN	—	3,4
PROFª MARIA PENEDO	—	3,1
JOÃO CRISÓSTOMO BELESA	—	3,9
GLADSTON REGIS BARBOSA	3,2	—
CELESTINO DE ALMEIDA	3,8	—
VENTINO DA COSTA BRANDÃO	3,8	—
ANTÔNIO ESTEVES	3,5	—
SÁTURNINO RANGEL MAURO	—	3,0
EULÁLIA MOREIRA	2,7	2,4
ROSA MARIA DOS REIS	2,9	2,6
ITAGIBA ESCOBAR	—	3,9
ANA L. BALESTRERO	—	2,8
ZAIRA MANHÃES DE ANDRADE	3,5	2,6
ZENÓBIA LEÃO	4,3	4,3
NELSON VIEIRA PIMENTEL	—	3,2
MARIA DE NOVAES PINHEIRO	3,6	2,1
ADOLFINA ZAMPROGNO	3,3	3,0
P. HUMBERTO PIACENTE	—	3,8
BENÍCIO GONÇALVES	—	2,9
FRANCELINA CARNEIRO SETÚBAL	—	3,7
LUIZ MANOEL VELLOSO	—	3,7
ASSISOLINA ASSIS ANDRADE	—	2,7
CATHARINA CHEQUER	4,2	3,2
PROF. GERALDO COSTA ALVES	—	2,4
AGENOR DE SOUZA LÉ	—	3,4
AFLORDIZIO CARVALHO DA SILVA	—	2,9
MARIA ERICINA SANTOS	2,7	2,2

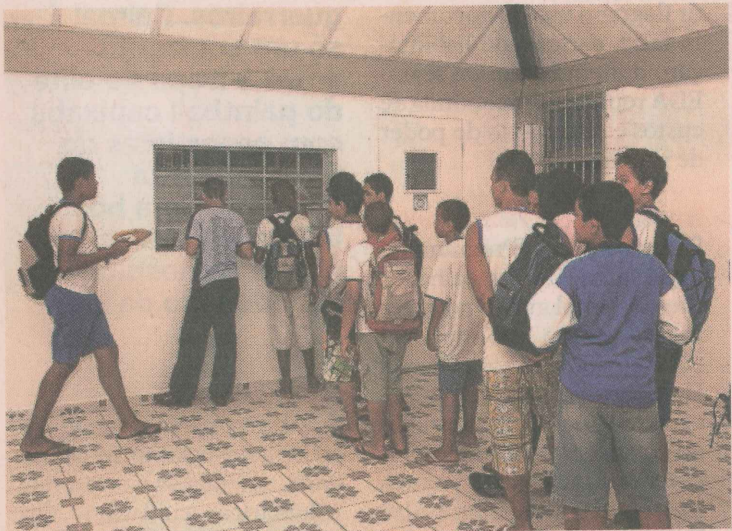
que tenham séries de ensino fundamental. As notas do ensino médio não foram publicadas pelo Ministério da Educação (MEC). Por isso, 16 das 65 escolas do plano não entraram na lista.

“Mesmo com algumas escolas conseguindo manter a média estadual ou ficando acima por poucos pontos, a

nota das, em Guarapari, com notas acima da média estadual. A receita da escola seria o equilíbrio entre disciplina e incentivos à auto-estima.

A escola tinha problemas com muitas brigas na hora da saída. Mas hoje a realidade é diferente. Contra as pichações, aulas de arte com grafi-

EDSON CHAGAS



Alunos reclamam da infra-estrutura

Na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assisolina Assis Andrade (foto), em Aribiri, Vila Velha, a realidade mostra que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) tem muito a ver com a qualidade do ensino. A média no Ideb é de 2,7 de 5ª a 8ª série, e os alunos explicam que muita coisa precisa melhorar. “Já tivemos problemas com violência, mas até que isso melhorou. Ruim mesmo é

estudar com o teto todo danificado”, conta uma aluna da 7ª série. Segundo o diretor da instituição, Helder Willian Cordeiro Dutra, os problemas de infra-estrutura serão reparados a partir do ano que vem, quando a escola será totalmente reconstruída. Na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Aflordízio de Carvalho Silva, a média no Ideb também não é das melhores: 2,9 para as séries de 5ª a 8ª. Um dos seguranças do local afirma que a violência é constante. “A gente até releva coisas pequenas, como tráfico e roubos menores”, diz o segurança.

COMENTE NA WEB
De que maneira você acha que a violência interfere na qualidade do ensino?
www.gazetaonline.com.br/agazeta

secretaria de Estado de Educação (Sedu). Em cinco anos foi contabilizada uma redução de 69% no número de ocorrências. Os resultados da secretaria foram obtidos com um programa próprio que une as ações de segurança patrimonial, realizada por vigilantes, e segurança policial.

EDSON CHAGAS



Participação das famílias faz a diferença

Aulas de xadrez, francês e italiano, professores com formação de alto nível e participação decisiva dos pais de alunos. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Eber Louzada Zippinotti (foto), em Jardim da Penha, Vitória, é conhecida pelo ensino de qualidade que oferece aos seus quase 800 alunos. No Ideb, a escola teve média 6,0, para as séries iniciais, e 5,5, para séries de 5ª a 8ª. Fi-

cando entre as dez primeiras no Ideb entre a rede pública estadual, junto com a Escola Experimental de Vitória, na Ufes, e a Elzira Viavacqua, de Jardim Camburi. Para os estudantes da Eber Louzada, a boa infra-estrutura, como quadras de esportes e sala de vídeo, e o dinamismo das aulas, ministradas por professores com mestrado e doutorado, são as maiores vantagens. A diretora, Maria do Carmo Silvano, explica que o bons resultados são frutos da exigência de pais e alunos. “A comunidade está sempre de olho no nosso trabalho”, diz.

AFLOLDIZIO CARVALHO DA SILVA	—	2,9
MARIA ERICINA SANTOS	2,7	2,2
ALMIRANTE BARROSO	—	3,3
PROF. JOÃO ANTUNES DAS DORES	3,2	3,3
MESTRE ÁLVARO	3,5	2,8
JONES JOSÉ DO NASCIMENTO	1,8	2,8
MANOEL LOPES	3,4	3,4
PROFª MARIA JOSÉ ZOUAIN DE MIRANDA	4,8	3,5
CARAPEBUS	3,5	—
FRANCISCA PEIXOTO MIGUEL	—	2,5
PROFª MARIA OLINDA DE O. MENEZES	—	3,6
JACARAÍPE	—	2,5
CAMPINHO	3,5	3,3
D. JOÃO BATISTA DA M. ALBUQUERQUE	—	3,3
BELMIRO TEIXEIRA PIMENTA	—	3,4
IRACEMA CONCEIÇÃO SILVA	4,2	3,6
MÉDIA DO ESTADO	4,1	3,6

NÃO HÁ LIGAÇÃO

O outro lado

HAROLDO CORRÊA ROCHA
Secretário estadual de Educação

■ Não dá para considerar que a violência é a responsável pelas notas mais baixas dessas escolas no Ideb. Há escolas em áreas de risco que também têm boas notas nas avaliações nacionais. Assim como outras em regiões com menos riscos que têm notas mais baixas. O resultado dentro da avaliação não pode ser remetido somente à violência. No Rio de Janeiro, por exemplo, dá para dizer que a violência interfere na educação porque em alguns locais o Estado se vê forçado a fechar a escola para sempre por conta disso. A violência interfere no aprendizado, assim como o engajamento dos pais na educação do filho, a própria estrutura da escola, a estrutura do bairro... Além disso, a violência interfere bem menos em alunos de 1ª a 4ª séries do que no ensino médio.

AMBIENTE MAIS PROPÍCIO

Análise

ROSSANA MATOS
Doutora em Ciências Sociais

■ Para avaliar a condição de uma escola é necessário avaliar também a condição da comunidade onde está envolvida. Locais segregados, com baixa renda, baixa escolaridade, infra-estrutura física e urbana precárias, em que o Estado não supre as necessidades básicas, tendem a ser regiões em que a violência é mais presente e interfere mais no ambiente escolar. Afinal, as crianças e adolescentes estão propícios a ficar mais expostos à violência. Jovens que não conseguem espaço de socialização, nem mesmo na escola, e encontram no tráfico em gangues grupos para se socializar. Ali ele pode ser alguém. Falta ofertar emprego, condições humanas de vida. Mostrar que a escola pode ser uma saída para aquela situação; não somente as drogas e a violência.

Sindicato: violência afasta educador

■ Violência na escola, segundo o Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes), atrapalha o bom andamento da aula, desestimula o professor a ficar na instituição, atinge a auto-estima do educador e prejudica o relacionamento

dentro de sala de aula.

“Esse conflito social, vivenciado na comunidade, não tem como ser separado da escola. Seja por meio de ameaça ou por ações menos diretas, professores se sentem inseguros e até incompetentes por não conseguir cumprir com sua

parte”, avalia o diretor de comunicação do Sindiupes, Swami Bergamo.

Mas o sindicato acredita que as ações de intervenção dentro desse espaço “inseguro” não devem ficar restritas ao ambiente escolar. “O que a escola sofre é um reflexo do que a comunida-

de no entorno dela sofre”.

“O investimento tem que ser na comunidade. Afinal, o aluno está inserido numa família desestruturada, que não vê na educação uma saída para a situação social que se encontra, sem perspectivas. É necessário ofertar oportunidades”, frisa Swami.